

# “Saque é assalto ao povo”

PAULO MUSSOI

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que “o saque é um assalto aos interesses do povo” e definiu o combate à seca no Nordeste como a prioridade de seu governo no momento. Preocupado com as previsões de agravamento da estiagem entre julho e agosto – que, segundo a cúpula do PSDB, poderá custar votos à campanha da reeleição – anunciou, em entrevista coletiva, a transferência de recursos do orçamento para criação de frentes de trabalho e alfabetização, que deverão beneficiar até 1 milhão de pessoas.

Ao insistir na condenação dos saques na área da seca, Fernando Henrique disse que “o saque não é solidário com os que precisam comer” e tem objetivo político. “Assaltar um depósito de merenda, assaltar a Conab, só tem um significado: desordem, baderna. Não tem nenhuma solidariedade com o povo, tem solidariedade apenas com seus próprios interesses”, acusou.

Fernando Henrique pediu que os governadores atuem mais na defesa da ordem. O presidente comentou telefonema que recebeu do governador do Paraná, Jaime Lerner (PFL), informando que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) havia ocupado seis

agências bancárias em seu estado.

“Quando o MST ocupa um banco, ele é igualzinho a alguém que entrou num banco como assaltante”, comparou o presidente. “(O MST) pode usar o pretexto que quiser, Mas a forma de atuar está errada e tem que ser tirado de lá”.

**Inovação** – Segundo Fernando Henrique, as frentes produtivas serão iniciadas já em 1º de junho e vão distinguir-se das criadas em secas anteriores para socorrer agricultores que perderam suas plantações.

“A utilização de mão-de-obra carente em épocas de seca muitas vezes é um trabalho insano, que talvez não possa construir muita coisa. Agora acho que temos uma oportunidade um pouco diferente. Nessas frentes produtivas, vamos incluir programas de alfabetização e considerar oportunidades de capacitação e de treinamento de pessoas”, explicou.

A coordenação das frentes produtivas, segundo o presidente, será feita pelos governos estaduais, através de “grupos ligados” ao Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) do Ministério do Trabalho. O sistema é análogo ao usado na distribuição de cestas básicas, que funciona através de comissões municipais.

“A única maneira para que isso ocorra de forma correta é criando controles locais”, disse. Fernando

Henrique não informou o montante dos recursos nem as dotações do orçamento que serão remaneja das para financiar o programa.

Antes da entrevista de uma hora e 20 minutos, concedida à sombra de uma sibiruna, árvore da Mata Atlântica, nos jardins do Palácio da Alvorada, Fernando Henrique fez questão de reservar meia hora para falar sobre a seca. Para mostrar o que o governo vem fazendo, enumerou obras hídricas em andamento no Nordeste (são 52, orçadas em R\$ 400 milhões) e os municípios que continuam recebendo cestas básicas (1.236).

O presidente também tentou responder às críticas da oposição, que acusa o governo de ter ignorado as previsões de seca para este ano, em consequência do fenômeno climático El Niño. “O problema é que nós não temos ainda, no Hemisfério Sul, condições de um prognóstico mais preciso. Não houve descaso”, afirmou.

**Previsão** – Fernando Henrique disse que em outubro de 1997, conversou com um meteorologista americano de Wisconsin, na companhia do governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), e sua previsão era de seca branda.

Depois de afirmar que os saques na área da seca no Nordeste são “um assalto contra o povo” e têm objetivo político, Fernando Henrique atacou a oposição. “Se quiserem brigar, espe-

rem a campanha eleitoral. Não utilizem, pelo menos antes dela, aquilo que é do interesse do povo para simplesmente minar a credibilidade do governo. Não é correto”, censurou.

O presidente comentou a recente queda que sua candidatura à reeleição sofreu nas pesquisas de opinião. Disse que houve uma “variação normal” nas intenções de voto. Fernando Henrique reconheceu, entretanto, que errou em alguns momentos, o que pode ter provocado as mudanças nos seus índices de popularidade. “Eu também não quero negar que o governo errou em uma porção de coisas. Eu também errei. É normal, é o processo, ninguém é infalível”, disse.

“Mesmo quando eu erro, eu erro porque não sei, ou porque minha convicção estava errada, nunca por má fé. Qual é o presidente da República de um país que vai querer que pegue fogo na mata? Só Nero”, disse, defendendo-se das críticas que recebeu por ter demorado a agir no incêndio de florestas em Roraima.

Mas houve um erro, apontado pela cúpula do PSDB – que defende a mudança da postura do presidente diante da mídia – que Fernando Henrique negou-se a reconhecer. “Olha, eu acho que ninguém deve ser diferente do que é. Eu nunca acreditei nessa coisa de transformar alguém em sabonete para vender. Comigo não vai ser assim”, declarou.